

ceira e a consideração pública que desfruto em Roma, trago o coração acabrunhado e doente, como nunca... As lições do Evangelho têm sustentado, de algum modo, meu espírito abatido. Contudo, sinto necessidade de um remédio espiritual que, suavizando-me as dores íntimas, me leve a compreender melhor os divinos exemplos do Cordeiro... Suas referencias chegam a proposito, pois irei á Alexandria buscar a consolação dêsse apóstolo, mesmo porque, uma viagem ao Egito, nas atuais circunstancias da minha vida, far-me-á grande bem ao coração...

No dia seguinte, o filho de Cnéio Lucius deu os primeiros passos para efetuar a excursão com a presteza possível.

E antes que a galéra largasse de Óstia, começou a concentrar todas as suas esperanças naquele Irmão Marinho, cujas virtudes famosas eram veneradas de todas as comunidades cristãs e havido por emissario de Jesus, destinado a sustentar no mundo as tradições divinas dos tempos apostólicos.

VI

NO HORTO DE CÉLIA

Nos arredores de Alexandria, a filha de Helvídio havia granjeado a melhor e merecida fama de amor e bondade.

Transferida para aquela região de gente pobre e humilde, convertera todas as recordações mais queridas, bem como as suas dores mais íntimas, em hinos de caridade pura, que se evolavam ao Céu entre as benções de todos os sofredores infelizes.

O sofrimento e a saudade como que lhe modelaram as feições angélicas porque, no semblante calmo esbatia-se um traço indefinível de visão celestial... A vida de ascetismo, de abnegação e renúncia, dera-lhe um novo fâcies, que deixava transparecer nos olhos, serenos e brilhantes, a pureza indefinível dos que se encon-

tram prestes a atingir as claridades radiosas de outra vida.

Havia muito, começara a entisicar e contudo, não abandonara a faina apostolar junto dos soffredores. De tarde, lia o Evangelho, ao ar livre, para quantos lhe buscavam o amparo espiritual, explicando os ensinamentos de Jesus e de seus divinos seguidores, fazendo crer, nesses momentos, que uma força divina dela se apossava. A voz, habitualmente débil, ganhava tonalidades diferentes, como se as cordas vocais vibrassem ao sopro de uma divina inspiração.

Conservava-se no mesmo tugúrio, ao pé do horto, cujos trabalhos rudes nunca deixaram de lhe merecer atenção e carinho. Todos os irmãos do mosteiro, exceto Epifânio, buscavam-lhe agora a convivência, acatando-lhe as elucidações evangélicas e cooperando nos seus esforços.

A jóven romana, transformada em irmão carinhoso dos infelizes, guardava as mesmas disposições íntimas de sempre, cheia de fé e esperança no Senhor de bondade e sabedoria.

O pequeno enfeitado de Brunehilda, depois de lhe suavizar a soledade, por alguns anos, com os seus carinhos e sorrisos, havia falecido, deixando-a amargurada e abatida mais que nunca. Impressionada com o acontecimento, Célia deprecara fervorosamente e, uma noite, quando se entregava á solidão de suas preces e meditações, divisou a seu lado o vulto de Cnéio Lucius contemplando-a com infinita ternura.

— Filha querida, não te magôe essa nova separação do ente idolatrado! Prossegue na tua fé, cumprindo a missão divina que o Senhor houve por bem deferir á tua alma sensível e generosa! Depois de perfumar, por alguns anos, a tua senda terrena, o espírito de Ciro volve de novo ao Além para saturar-se de forças novas! Não desanimes pela saudade que te apúa o coração sensibilíssimo, pois nossa alma semeia o amor na Terra para vê-lo florir nos céus, onde não chegam as tristes inquietações do mundo!... Além do mais, Ciro tem necessidade dessas provações, que lhe hão de temperar a

vontade e o sentimento para os gloriosos feitos do seu porvir espiritual!...

Nessa altura, a amavel entidade deteve-se como que intencionalmente, afim-de observar o efeito de suas palavras.

Desfeita em lágrimas, a jóven falou mentalmente, como se palestrassem com o avô no ádito do coração:

— Não duvido de que todas as dores nos são enviadas por Jesus, afim-de aprendermos o caminho da redenção divina, mas, qual a razão dessas vidas temporarias de Ciro na Terra? Se êle tem chegado a viver no ambiente humano, ainda necessitado das experiencias terrestres, por que vem a morte decepando as nossas esperanças?

— Sim — replicou a entidade amorosamente — são as leis da prova que rege os nossos destinos.

— Mas Ciro, ha alguns anos, não chegou a morrer pelo Divino Mestre, no martírio e no sacrifício?

— Filha, entre os mártires do Cristianismo, ha os que se desprendem do mundo em missão sacrossanta e os que morrem para resgates os mais penosos... Ciro é do número destes ultimos... Em séculos anteriores, foi um déspota cruel, exterminando esperanças e envenenando corações... Mergulhado depois na luta expiatoria, renegou as dores santificantes e enveredou pela senda ignominiosa do suicídio. É justo, pois, que agora aprecie os beneficios da luta e da vida, na dificuldade de os readquirir para a sua redenção espiritual, ansiosamente colimada. As experiencias fracassadas hão de valorizar o seu futuro de realizações e esforços nobilissimos. Em face da dor e do trabalho, no porvir que se aproxima, seu coração amará todos os detalhes da luta redentora. Saberá prezar no trabalho ingente e doloroso os recursos sagrados da sua elevação para Deus, reconhecendo a grandeza do esforço, da renúncia e do sacrifício!...

Confortada com os esclarecimentos do mentor espiritual, logo entrevisou outra entidade de semblante nobre e triste, a contemplá-la num misto de alegria e amargura.

Estranhando a visão, sentiu que a palavra carinhosa do avô esclarecia:

— Não te surpreendas nem te assustes! Tua mãe, hoje no plano espiritual, aqui vem comigo, trazer-te o coração bondoso e agradecido!...

Dolorosas emoções lhe vibraram no íntimo, por força daquelas revelações inesperadas. As lágrimas se fizeram mais amargas e copiosas. Duvidava da própria vidência, lembrando o passado com os seus espinhos e sombras desolantes. Mas, anjo ou sombra, o espírito de Alba Lucínia, como que submerso num véu de tristeza impenetrável, aproximou-se e lhe beijou as mãos.

Célia desejava que aquela entidade triste e benfazeja lhe dissesse algo ao coração. A sombra materna, porém, continuava muda e consternada. Contudo, sentiu que, na mão direita que a sombra osculara, persistia uma sensação indefinível, como se, com o seu beijo, Alba Lucínia trouxesse também uma lágrima ardente e dolorida.

Ante o choque inesperado, a jóven romana notou que ambas as entidades escapavam novamente ao seu olhar.

Nessa noite, meditou sobre o passado, mais que em outros dias, entregando a Jesus as suas preocupações e as suas mágoas, rogando ao Senhor lhe fortificasse o espírito, afim-de compreender e cumprir integralmente os designios santos da sua divina vontade.

No dia imediato ao de suas amargas reflexões concernentes ao passado doloroso, grande multidão buscava-lhe os fraternos serviços. Eram velhinhos desolados á cata de uma palavra conoladora e amiga, mulheres das povoações mais próximas, que lhe traziam os filhinhos enfermos, sem falar das muitas pessoas procedentes de Alexandria, em busca de lenitivo espiritual para os dissabores da vida.

Á medida que as cercanias do mosteiro se enchiam de viaturas, seu vulto franzino e melancólico desdobrava-se em esforços inauditos para consolar e esclarecer a todos.

De vez em quando, um acesso de tosse sobrevinha,

provocando a piedade alheia; ela, porém, transformando a sua fragilidade em energia espiritual inquebrantável, parecia não sentir o aniquilamento do corpo, de modo a manter sempre acesa a luz da sua missão de caridade e de amor.

De tarde, invariavelmente, procedia às leituras evangelicas, ouvidas pelos visitantes numerosos e pela gente simples do povo.

Foi aí, aos lampejos do crepúsculo, que seus olhos atentaram numa viatura elegante e nobre, de cujo interior saltava Helvídio Lucius, que o seu coração filial identificou imediatamente. O antigo tribuno encontrando a pequena assembléia ao ar livre, procurou acomodar-se como pôde, enquanto nos traços fisionómicos do Irmão Marinho surgiam os sinais da emoção que lhe vibrava na alma... Entretanto, sua palavra prosseguia sempre, saturada de intensa ternura, em minudente comentário á parábola do Senhor. O irmão dos infelizes e dos doentes falava das pregações do Tiberiade, como se houvesse conhecido a Jesus de Nazaré, tal a fidelidade e amorosa vibração da sua palavra.

Enlevado na contemplação do, para êle, maravilhoso quadro, o filho de Cnéio Lucius fixou o famoso missionário, tomado de surpresa estranha! Aquela voz, aquele perfil lembrando um mármore precioso, burilado pelas lágrimas e sofrimentos da vida, não lhe recordavam a propria filha? Se aquele Irmão Marinho vestisse a indumentária feminina, raciocinava o tribuno vivamente interessado, seria a imagem perfeita da filhinha que êle vinha buscando por toda a parte, sem consolação e sem esperança. Assim conjecturando, seguia-lhe a palavra, cheio de surpreza cariciosa.

Ninguém ainda lhe falara do Evangelho com aquela clareza e simplicidade, com aquela unção de amor e firmeza, que, intuitivamente, lhe penetravam o coração, propinando-lhe um brando consôlo. Fizera a viagem de Óstia á Alexandria abatido e enfêrmo. Seu estado organico chegara a despertar o interêsse de alguns amigos romanos, a ponto de insistirem pelo seu immediato regresso á metrópole. Profundo cansaço transpa-

recia-lhe dos olhos tristes, de uma tristeza inalteravel e de um penoso desencanto da vida. Mas, em ouvindo aquele apóstolo extraordinário, cheio de benevolencia e brandura, experimentava no imo um alívio salutar. A brisa vespertina afagava-lhe levemente o rosto, com os derradeiros reflexos do sol a prismar-se em nuvens distantes. A seu lado, concentrada, a multidão dos pobres, dos enfermos, dos desventurados da sorte, em preces fervorosas, como se esperassem todas as felicidades do céu para os seus dias tristes.

A poucos passos, a figura esbelta e delicada do irmão dos infortunados e aflitos, que lhe falava ao coração com maravilhosa suavidade.

A Helvídio Lucius pareceu-lhe que fôra transportado a um país misterioso, cheio de figuras apostólicas e sentia-se entre aqueles crentes anônimos, na posse de um bem-estar indizível.

Desde a dolorosa desencarnação da companheira, tinha o espírito mergulhado num véu de amarguras atrozes. Nunca mais desfrutara tranquilidade íntima, sob o peso de suas angústias pungentes. Entretanto, os ensinamentos do Irmão Marinho, suas considerações e suas preces, proporcionavam-lhe uma intraduzível esperança. Figurou-se-lhe que bastava aquele instante breve para que pudesse reerguer a confiança num futuro espiritual, pleno de realidades divinas. Sem poder explicar a causa da sua emotividade, começou a chorar silenciosamente, como se sómente naquele instante houvesse afeiçãoado, de fato, o coração ás belezas imensas do Cristianismo. Terminadas as interpretações e as preces do dia, enquanto a multidão se retirava comovida, Célia deixara-se ficar no mesmo ponto, sem saber que norma adotar naquelas circumstancias. No íntimo, contudo, agradecia a Deus a graça sublime de surpreender o espírito paterno tocado de suas luzes divinas, suplicando ao Senhor permitisse ao seu coração filial receber a necessária inspiração dos seus augustos mensageiros.

Na quasi imobilidade de suas conjecturas, naquele momento grave do seu destino, foi despertada pela voz de Helvídio Lucius que se aproximara exclamando:

— Irmão Marinho, sou um pecador desencantado do mundo, que vem até aqui atraído por vossas virtudes, sacrossantas. Venho de longe e bastou um momento de contacto com a vossa palavra e ensinamentos para que me reconfortasse um pouco, experimentando mais fé e mais esperança. Desejava falar-vos... A noite, contudo, não tarda e temo aborrecer-vos...

A humildade dolorida daquelas palavras, dera á jóven cristã uma idéia perfeita de todos os tormentos que haviam aniquilado o coração paterno.

Helvídio Lucius já não apresentava aquele porte eréto e firme que o caracterizava como legítimo cidadão do Império e da sua época. Os lábios tranquilos de outrora, ajustavam-se num rictus de tristeza e angústia indefiníveis. Os cabelos estavam completamente brancos, como se um inverno implacavel e rijo houvesse despejado na cabeça um punhado de neve indestrutivel. Os olhos, aqueles olhos que tantas vezes lhe patentearam uma energia impulsiva e orgulhosa, eram agora melancólicos, espraçando-se com humildade sincera por toda a parte, ou dirigindo-se com expressões súplices para o Alto, como se de ha muito estivessem mergulhados nas mais angustiosas rogativas.

Célia compreendeu que uma tempestade dolorosa e inflexivel havia desabado sôbre a alma paterna, para que se pudesse realizar aquela metamorfose.

— Meu amigo — murmurou de olhos humidos — rogo a Deus que se não dissipem as vossas impressões primeiras e é em seu nome que vos ofereço a minha choupana humilde! Se vos apraz, ficai comigo, pois terei grande júbilo com a vossa presença generosa!...

Helvídio Lucius aceitou o delicado oferecimento enxugando uma lágrima.

E foi com enorme surpresa que reparou no casebre onde vivia, confortado, o irmão dos infelizes.

Em poucos instantes o Irmão Marinho arranjou-lhe um leito humilde e limpo, obrigando-o a repousar. Guardando nalma uma alegria santa, a jóven se movia de um lado para outro e não tardou levasse ao tribuno surpreso um caldo substancioso e um copo de leite puro,

que lhe reconfortaram o organismo. Depois, foram os remédios caseiros manipulados por ela mesma, com satisfação intraduzível.

A noite caíra de todo com o seu cortejo de sombras, quando o Irmão Marinho assentou-se á frente do hóspede, encantado e comovido com tantas provas de carinhoso desvelo.

Falaram então de Jesus, do Evangelho, casando harmonicas as opiniões e os conceitos acerca-do Cordeiro de Deus e da exemplificação de sua vida.

De vez em quando, o tribuno contemplava o interlocutor, com o mais acentuado interesse, guardando a impressão de que o conhecera alhures.

Por fim, dentro do profundo bem-estar que sentia renascer-lhe no intimo, Helvídio Lucius ponderou:

— Cheguei ao Cristianismo qual náufrago, após as mais ásperas derrotas do mundo! Sinto que o Divino Mestre endereçou á minha alma todos os apêlos suaves da sua misericórdia; no entanto, eu estava surdo e cego, no ambito de lamentáveis desvarios. Foi preciso que uma hecatombe desabasse em meu lar e sôbre o meu destino, para que, no fragor da tempestade destruidora, conseguisse romper as muralhas que me separavam da nítida compreensão dos novos ideais florescentes para a mentalidade e para o coração do mundo.

Jamais confiei a alguém os episodios pungentes da minha vida, mas sinto que vós, apostolo de Jesus e seguidor do Mestre na exemplificação do bem, podereis compreender minha existencia, ajudando-me a raciocinar evangelicamente, para que cumpra os meus deveres neste últimos dias de atividade terrena. Nunca, em parte alguma, deixei de experimentar uma tal ou qual dúvida que me desconsola: aqui, porém, sem saber porquê, experimento uma tranquilidade desconhecida. Julgo dever confiar em vós, como em mim mesmo!... Ha muito, sinto necessidade de um conforto direto, e somente a vós confio as minhas chagas, na expectativa de um auxílio carinhoso e fraterno!...

— Se isso vos faz bem, meu amigo — exclamou a jóven enxugando uma lágrima discreta — podeis con-

fiar no meu coração, que rogará ao Senhor pela vossa paz espiritual em todos os transe da vida...

E enquanto o Irmão Marinho lhe acariciava a cabeça encanecida prematuramente, atormentado por dolorosas recordações, Helvídio Lucius sem saber explicar o motivo de sua confiança, começou a contar-lhe o penoso romance da sua existencia. De vez em quando, a voz tornava-se abafada por uma que outra lembrança ou episódio. A cada pausa o interlocutor, comovido, respondia ao seu estado dalma com essa ou aquela advertencia, traíndo as proprias reminiscencias. O tribuno surpreendia-se com isso, mas attribuia o fato ás faculdades divinatórias, presumiveis no apóstolo do amor e da caridade pura, que tinha á sua frente.

Depois de longas horas de confidencia, em que ambos choravam silenciosamente, Helvídio concluia:

— Aí tem, Irmão Marinho, minha história amargurada e triste. De todas as tragédias lembradas, guardo profundo remorso, mas o que mais me acabrunha é lembrar que fui um pai injusto e cruel. Um pouco mais de calma e um pouco menos de orgulho, teria chegado á verdade, afastando os genios sinistros que pesavam sobre o meu lar e o meu destino!... Relembrando esses acontecimentos, ainda hoje, sinto-me transportado ao dia terrivel em que expulsei do coração a filha querida. Desde que me certifiquei da sua inocencia, procuro-a ansioso, por toda a parte; parece-me, contudo, que Deus punindo meus atos condenaveis, entregou-me aos supremos martírios morais, para que eu compreendesse a extensão da falta. É por isso, Irmão, que me sinto réu da justiça divina, sem consolação e sem esperanza. Tenho a impressão de que para reparar meu grande crime terei de andar como o judeu errante da lenda, sem repouso e sem luz no pensamento. Pela minha exposição sincera e amargurada, compreendeis, agora, que sou um pecador desiludido de todos os remédios do mundo. Por isso, resolvi apelar para vossa bondade, afim-de me proporcionardes um lenitivo. Vós que tendes iluminado tantas almas, apiedai-vos de mim que sou um naufrago desesperado!

As lágrimas abafaram-lhe a voz.

Célia também o ouvia de olhos molhados, sentindo-se tocada em todas as fibras do seu coração de filha meiga e afetuosa.

Desejou revelar-se ao pai, beijar-lhe as mãos encarquilhadas, dizer-lhe do seu júbilo em reencontrá-lo no mesmo caminho que a conduzia para Jesus... Quis afirmar que o amara sempre e olvidara o passado de prantos dolorosos, afim-de poderem ambos elevar-se para o Senhor, na mesma vibração de fé, mas uma força misteriosa e incoercível paralisava-lhe o ímpeto.

Foi assim, que, murmurou carinhosamente:

— Meu amigo, não vos entregueis de todo ao desânimo e ao abatimento! Jesus é a personificação de toda a misericórdia e ha de confortar-vos o coração! Creiamos e esperemos na sua bondade infinita!...

— Mas, obtemperava Helvídio Lucius na sua sinceridade dolorosa — eu sou um pecador que se julga sem perdão e sem esperança!

— Quem não o seria neste mundo, meu amigo? — exclamou Célia cheia de bondade — porventura, não seria destinada a todos os homens a lição da “primeira pedra”? Quem poderá dizer “nunca errei”, no oceano de sombras em que vivemos? Deus é um juiz supremo e na sua misericórdia inexaurível não pode cobrar aos filhos um débito inexistente!... Se vossa filha sofreu, houve, em tudo uma lei de provações, que se cumpriu conforme com a sabedoria divina!...

— No entanto — gemeu o tribuno em voz amarga — ela era boa e humilde, carinhosa e justa! Além do mais, sinto que fui impiedoso, pelo que, experimento agora as mais rudes acusações da proprio consciência!...

E como se quisesse transmitir ao interlocutor a imagem exata das suas reminiscencias, o filho do Cnéio Lucius acrescentou enxugando as lágrimas:

— Se a visseis, Irmão, no dia fatídico e doloroso, concordarieis, certo, em que minha desventurada Célia era qual ovelha imaculada a caminhar para o sacrifício. Não poderei esquecer o seu olhar pungente, ao afastar-se do aprisco doméstico, ao segregar-se do santuário

da família, honrado sempre pela sua alma de menina com os atos mais nobres de trabalho e renúncia! Recordando êsses fatos, vejo-me qual tirano que, depois de se abandonar a toda a sorte de crimes, andasse pelo mundo mendigando a propria justiça dos homens, de modo a experimentar o desejado alívio da consciencia!

Ouvindo-lhe as palavras, a jóven chorava copiosamente, dando curso ás suas proprias reminiscencias, eivadas de dor e de amargura.

— Sim, Irmão — continuou o tribuno angustiado — sei que chorais pelas desventuras alheias; sinto que as minhas provas tocaram igualmente o vosso coração. Mas, digei-me!... que deverei fazer para encontrar, de novo, a filha bem-amada? Será que tambem ella tenha buscado o céu sob o látigo das angústias humanas? Que fazer para beijar-lhe, um dia, as mãos, antes da morte?

Essas perguntas dolorosas encontravam tão somente o silêncio da jóven, que chorava comovida. Breve, porém, como tomada de súbita resolução, acentuou:

— Meu amigo, antes de tudo precisamos confiar plenamente em Jesus, observando em todos os nossos sofrimentos a determinação sagrada da sua sabedoria e bondade infinitas! Não desprezemos, porém, o tempo, a lastimar o passado. Deus abençôa os que trabalham e o Mestre prometeu amparo divino a quantos laborem no mundo, com perseverança e boa vontade!... Se ainda não reencontrastes a filhinha carinhosa, é necessário dilatar os laços do sangue, afim-de que elles se intermitam nos laços eternos e luminosos da família espiritual. Deus velará por vós, desde que, para substituir o afeto da filha ausente, busqueis estender o coração a todos os desamparados da sorte... Ha milhares de seres que suplicam uma esmola de amor aos semelhantes! Debalde mostram os braços nús aos que passam, felizes, pelos caminhos floridos de esperanças mundanas.

Conheço Roma e o turbilhão de suas misérias angustiosas. Ao lado das residencias nobres das Carinas, dos edificios soberbos do Palatino e dos bairros aristocráticos, ha os leprosos da Suburra, os cegos do Ve-

labro, os órfãos da Via Nomentana, as famílias indigentes do Trastevere, as negras miserias do Esquilino!.. Estendei vossos braços ás filhas dos pais anónimos, ou dos lares desprotegidos da fortuna!... Abracemo-nos com os miseráveis, repartamos nosso pão para mitigar a fome alheia! Trabalhemos pelos pobres e pelos desgraçados, pois a caridade material, tão facil de ser praticada, nos levará ao conhecimento da caridade moral que nos transformará em verdadeiros discípulos do Cordeiro. Amenos muito!... Todos os apóstolos do Senhor são unânimes em declarar que o bem cobre a multidão de nossos pecados! Toda vez que nos desprendemos dos bens dêste mundo, adquirimos tesouros do Alto, inacessíveis ao egoismo e á ambição que devoram as energias terrestres. Converti o superfluo de vossas possibilidades financeiras em pão para os desgraçados. Vesti os nús, protejei os órfãosinhos! Todo o bem que fizemos ao desamparado constitue moeda de luz que o Senhor da Seára entesoura para nossa alma. Um dia nos reuniremos na verdadeira patria espiritual, onde as primaveras do amor são infindáveis. Lá ninguém nos perguntará pelo que fomos no mundo, mas seremos inquiridos sôbre as lágrimas que enxugámos e as boas ou más ações que praticámos na estancia terrena.

E, de olhos fixos como a vislumbrar paisagens celestes, prosseguia:

— Sim, ha um reino de luz onde o Senhor nos espera os corações! Façamos por merecer-lhe as graças divinas. Os que praticam o bem são colaboradores de Deus no infinito caminho da vida... Lá, não mais choraremos em noite escura, como acontece na Terra. Um dia perene banhará a fronte de todos os que amaram e sofreram nas estradas espinhosas do mundo. Harmonias sagradas vibrarão nos espíritos eleitos que conquistarem essas moradas cariciosas!... Ah! que não faremos nós por alcançar esses jardins de delícia, onde repousaremos nas realizações divinas do Cordeiro de Deus?! Mas, para penetrar essas maravilhas, temos de

inicio o trabalho de aperfeiçoamento interior, iluminando a consciencia com a exemplificação do Divino Mestre!

Havia no olhar do Irmão Marinho um clarão sublimado, como se os olhos mortais estivessem descansando nesse país da luz, formoso e fulgurante, que as suas promessas evangélicas descreviam. Lágrimas serenas deslisavam-lhe dos olhos calmos, selando a verdade das suas palavras.

Helvídio Lucius chorava, sensibilizado, sentindo que as sagradas emoções da jóven lhe invadiam igualmente o coração, num divino contágio.

— Irmão Marinho — disse a custo — pressinto a realidade luminosa dos vossos conceitos e por isso trabalharei indefessamente, afim-de obter a precisa paz de consciencia e poder meditar na morte, com a beleza de vossas concepções. Praticarei o bem, doravante, sob todos os aspectos e por todos os meios ao meu alcance, e espero que Jesus se apiede de mim.

— Certo, o Divino Mestre nos ajudará — concluiu a jóven, acariciando-lhe os cabelos brancos.

A noite ia adiantada e Célia deixando o coração paterno banhado de consoladoras esperanças, recolheu-se a um mísero cubiculo, onde, desfeita em pranto, rogou a Cnéio Lucius a esclarecesse naquele transe difficil, por isso que o afeto filial se apossava de suas fibras mais sensíveis.

Sorriso piedoso e calmo, o espírito do velhinho correspondeu-lhe ás súplicas, dizendo do seu intenso agradecimento a Deus, por ver o filho entre as luzes cristãs, mas, advertindo que a revelação da sua identidade filial era, naquelas circunstancias, inaproveitavel e extemporanea, e encarecendo aos seus olhos a delicadeza da situação e as realizações do porvir.

Fortalecida e encorajada, Célia preparou a primeira refeição da manhã, que o tribuno ingeriu, sentindo um novo sabor e experimentando as melhores disposições para enfrentar de novo a vida.

Sabendo da sua antiga predileção pelo ambiente rural, o Irmão Marinho levou-a a visitar o horto extenso, onde, á custa de seus esforços e trabalhos ingen-

tes, o mosteiro de Epifânio possuía um verdadeiro parque de produção sadia e sem preço.

Nos grandes talhões da terra, elevavam-se árvores frutíferas, cultivadas com esmero, salientando-se as secções de legumes e a zona bem cuidada onde se alinhavam animais domésticos. Sob as ramagens frondosas, descansavam cabras mansas, a confundirem-se com as ovelhas de lã clara e macia. Além, pastavam jumentas tranquilas e, de quando em quando, núvens de pombos passavam alto em revoada alegre. Entre as verduras, brincavam os fios móveis de um grande regato e, em tudo, observava Helvídio Lucius cuidosa limpeza, convidando o homem á vida bucólica, simples e generosa.

De espaço a espaço, encontravam um velhinho humilde ou uma criança sadia, que o Irmão Marinho saudava com um gesto de ternura e bondade.

Fundamente impressionado com o que via, o filho de Cnéio Lucius acentou comovidamente:

— Este horto maravilhoso dá-me a impressão de um quadro bíblico! Entre estas árvores respiro o ar balsâmico, como se o campo aquí me falasse mais intimamente á alma! Esclarecei-me! Quais os vossos elementos de trabalho? Quanto pagais aos trabalhadores dedicados, que devem ser os vossos auxiliares?...

— Nada pago, meu bom amigo, cultivo este horto ha muitos anos e é daqui que se abastece o mosteiro, do qual tenho sido modesto jardineiro. Não tenho empregados. Meus auxiliares são antigos moradores da vizinhança, que me ajudam graciosamente, quando podem dispor de alguma folga. Os demais, são crianças da minha modesta escola, fundada ha mais de cinco anos para satisfazer as necessidades da infancia desvalida, dos povoados mais próximos!...

— Mas, que segredo haverá nestas paragens — exclamou Helvídio respirando a longos haustos — para que a terra se mostre tão dadivosa e exuberante?

— Não sei, disse o Irmão dos pobres, com singeleza — aquí tão somente amamos muito a terra! Nossas árvores frutíferas nunca são cortadas, para que rece-

bamos as suas dádivas e as suas flores. Os cordeiros nos dão a lã preciosa, as cabras e as jumentas o leite nutritivo, mas não os deixamos matar, nunca. As laranjeiras e as oliveiras são as nossas melhores amigas. Às vezes, é á sua sombra que fazemos nossas preces, nos dias de repouso. Somos, aquí, uma grande família. E os nossos laços de afeto são extensivos á natureza.

Fornecendo as explicações que Helvídio aceitava atenciosamente, enumerava fatos e descrevia episodios de sua observação e experiencia proprias, imprimindo em cada palavra o cunho de amor e simplicidade do seu espirito.

— Um dia — explicou com um sorriso infantil — observamos que os cabritos mais idosos gostavam de perseguir os cordeirinhos mansos e pequeninos. Então, as crianças da escola recordando que Jesus tudo obtinha pela brandura do ensinamento resolveram auxiliar-me na criação das ovelhas e das cabras, construindo para isso um só redil... Ainda pequenos, uns e outros, filhos de mães diferentes eram reunidos em todos os lugares e, com o amparo dos meninos, levados as nossas preces e ás nossas aulas ao ar livre. As crianças sempre acreditaram que as lições de Jesus deviam sensibilizar os proprios animais e eu as tenho deixado alimentar essa convicção encantadora e suave. O resultado foi que os cabritos brigões desapareceram. Desde então, o redil foi um ninho de harmonia. Crescendo juntos, comendo o mesmo pão e sentindo sempre a mesma companhia, uns e outros eliminaram as instintivas aversões!... Por mim, observando essas lições de cada instante, fico a pensar como será feliz a coletividade humana quando todos os homens compreenderem e praticarem o evangelho!...

O tribuno ouviu a historieta na sua radiosa simplicidade, com lágrimas nos olhos.

Fixando o interlocutor, Helvídio Lucius acentuou, deixando transparecer um brilho novo no olhar:

— Irmão Marinho, estou compreendendo, agora, a exuberancia da terra e a maravilha da paisagem. Todos esses feitos são um milagre do devotamento com que

vindes consagrando todas as energias á terra benfazeja! Tendes amado muito e isso é essencial. Por muitos anos, fui tambem homem do campo, mas, até agora, venho explorando o solo apenas com o interêsse comercial. Agora compreendo que, doravante, devo amar tambem a terra, se algum dia regressar á lavoura. Hoje entendendo que tudo no mundo é amor e tudo exige amor.

A jóven ouvia as considerações paternas, enlevada nas suas esperanças.

Três dias ali ficou Helvídio Lucius, a edificar-se naquela paz inalteravel. Horas de tranquillidade suave, em que todas as amarguras terrestres como por encanto se lhe aquietavam no íntimo do coração entristecido.

Por vezes, Célia teve impetos de lhe comunicar as carinhosas emoções do seu coração filial e, contudo, estranha fôrça parecia coarctar-lhe a vontade, dando-lhe a entender que ainda era prematura qualquer revelação.

Por fim, ao despedir-se, mais fortalecido e confortado, o tribuno falou:

— Irmão Marinho, parto com o espírito tocado de novas disposições e de outras energias para enfrentar a luta e as tristes expiações que me competem na Terra!... Rogai a Deus por mim, pedí a Jesus que tenha o ensejo e a fôrça de pôr em prática os vossos conselhos. Volto á Roma com a idéia do bem a cantar-me alma. Seguirei vossas sugestões em todos os passos e, nesse escopo, é bem possivel que o Senhor satisfaça as minhas justas aspirações paternas. Logo que possa, regressarei para abraçar-vos!... Jamais poderei esquecer o bem que me fizestes!

Ela tomou-lhe, então, a dextra e beijou-a de olhos humidos, enquanto o tribuno considerava, comovido, aquele gesto de humildade.

Ansiosamente, deteve-se a contemplar o carro que o transportava, de volta á Alexandria, até que ele se sumisse ao longe, numa nuvem de pó.

Fechando-se então, no seu cubiculo, abriu uma pequena caixa de madeira trazida de Minturnes, na qual guardava a túnica com que saíra de casa no dia amargurado do seu exilio. Entre as poucas peças, repousava

a pérola que o pai lhe trouxera da Phócida, única jóia que lhe ficara, depois de totalmente espoliada pela criminosa ambição de Hatéria. E revirava nas mãos, entre lágrimas, os objetos antigos e simples de suas cariciosas lembranças.

Elevando-se em prece a Deus, rogou não lhe faltasse com as energias indispensáveis ao cumprimento integral de sua missão.

Quanto a Helvídio Lucius, de regresso, sentia-se como que banhado numa corrente de pensamentos novos.

O Irmão Marinho, a seus olhos, era um símbolo perfeito dos dias apostólicos, quando os seguidores de Jesus operavam no mundo, em seu nome.

Desembarcando em Nápoles, dirigiu-se para Cápuia, onde foi recebido pelos filhos com excepcionais demonstrações de carinho.

Caio e a esposa exultaram com as suas melhoras físicas e espirituais, apenas estranhando que regressasse do Egito com tantas idéias de caridade e beneficência.

Depois de esclarecê-los, quanto ao Irmão Marinho e á fascinação que ele exercera no seu espírito, Helvídio Lucius acentuou:

— Filhos, sinto que não poderei viver muito tempo e quero morrer de conformidade com a doutrina que abracei de coração. Voltarei agora á Roma e tratarei de preparar o porvir espiritual, conforme as minhas novas concepções. Espero que me não contrariem os últimos desejos. Dividirei nossos bens e a terça parte ser-lhes-á entregue em tempo oportuno. O restante, buscarei movimentar de acôrdo com a minha crença nova. Conto com o auxílio de ambos, neste particular.

No íntimo, Caio e Helvídia atribuíram a súbita transformação paterna a sortilégio dos cristãos, que, a seu ver, teriam abusado da sua situação de fraqueza e abatimento, em face dos muitos abalos morais. Nada obstante, com a generosidade que a caracterizava, a esposa de Fabrício acentuou:

— Meu pai, não ouse discutir vossos pontos de

fé, pois, acima de qualquer controvérsia religiosa, estão o nosso amor e o vosso bem-estar! Procedei como melhor vos prouver. Financeiramente, não ha preocupar-vos com o nosso futuro. Caio é trabalhador e eu não tenho grandes pretensões. Alem do mais, os deuses velarão sempre por nós, como o têm feito até agora. Portanto, podereis agir, sempre confiante em nosso afeto e acatamento ás vossas decisões.

Helvídio Lucius abraçou a filha, em sinal de júbilo pela sua compreensão, enquanto Caio, num sorriso, esboçava o seu assentimento.

Voltando á Roma dos seus dias de triunfo e mocidade, o orgulhoso patrício estava radicalmente transformado. Seu primeiro ato de verdadeira conversão a Jesus foi libertar todos os escravos da sua casa, providenciando sollicitamente pelo futuro deles.

Afrontando os perigos da situação política, não fez mistério de suas convicções religiosas, exaltava as virtudes do Cristianismo nas esferas mais aristocráticas. Os amigos, porém, o ouviam penalizados. Para os de sua esfera social, Helvídio Lucius padecia as mais evidentes perturbações mentais, provenientes da tragédia dolorosa que lhe enchera o lar de um luto perpétuo e angustioso. O tribuno, todavia, como se prescindisse de todas as honrarias exigidas pelos de sua condição, parecia inacessível aos conceitos alheios e, com assombro de todas as suas relações, dispôs da maioria dos bens patrimoniais em obras piedosas, com as quais os orfãos e as viúvas se beneficiavam. Seus companheiros humildes da Porta Appia se regosijaram com o ardor evangélico de que dava, agora, pleno testemunho, auxiliando-lhes os esforços e defendendo-os publicamente. Não mais se entregou aos ócios sociais, porquanto, ás vezes, pela manhã, era visto no Esquilino ou na Suburra, no Trastevere ou no Velabro, buscando informações dessa ou daquela família de indigentes. Não só isso. Visitou os descendentes de Hatéria, procurou-a no intuito de perdoá-la e não encontrou sequer notícias, pois ninguém conhecia o tragico fim da velhinha, ocorrido no mesmo sentido oculto por ela utilizado para a prática do mal. O tri-

buno, todavia, aproveitou a estada em Benevento para ensinar aos membros daquela família, que se considerava integrada na sua tutela, os metodos seguidos pelo Irmão Marinho no trato carinhoso da terra. Em seguida, ei-lo na herdade de Caio Fabrícus, onde assumiu voluntariamente a direção de numerosos serviços rurais, utilizando aqueles processos que jamais poderia esquecer, tornando-se amado como um pai pelos que recebiam, de boa vontade, suas idéias novas e interessantes.

Todavia, depois de tantos beneficos labores, o antigo tribuno adoeceu, sobressaltando o coração dos filhos e dos amigos.

Assim esteve um mês, combalido e padecente, quando um dia, melancolico e trêmulo, chamou a filha e lhe disse com a maior ternura:

— Helvídia, sinto que meus dias neste mundo estão contados e desejava rever o Irmão Marinho, antes de morrer.

Ela lhe fez sentir a inconveniencia da viagem, mas o tribuno insistia com tanto empenho que acabou anuindo, com a condição de fazer-se acompanhar pelo genro. Helvídio Lucius recusou, porém, alegando não desejar interromper o ritmo doméstico. Resolveram, então, que seguisse acompanhado por dois servos de confiança, na previsão de qualquer eventualidade.

Sentindo-se melhor com a consoladora perspectiva de voltar a Alexandria e rever os sítios onde lograra tanto conforto para o espírito abatido, o tribuno preparou-se convenientemente, não obstante os temores da filha, que lhe beijou as mãos enternecida, de coração pressago, quando o viu partir.

Helvídio Lucius estreitou-a nos braços com um olhar intraduzivel, contemplando em seguida a paisagem rural, melancolicamente, como se quisesse guardar na retina um quadro precioso, observado pela última vez.

Caio e sua mulher, a seu turno, não conseguiram occultar as lagrimas afetuosas.

Com o espírito de resolução que o caracterizava, o filho de Cnéio Lucius não se deu conta dos temores e inquietações dos filhos, partindo serenamente, seguido

pelos dois servos de Caio Fabrício, que o não abandonavam um só instante.

Contudo, antes que a embarcação aproasse á Alexandria, êle começou a sentir a recrudescentia do seu mal organico. Á noite, não conseguia forrar-se á dispnéia inflexivel e, durante o dia, sentia-se tomado de profunda fraqueza.

Fazia mais de um ano que conhecera de perto o Irmão Marinho. Um ano mais, de trabalhos incessantes ao serviço da caridade evangélica. E Helvídio Lucius, que se deixara fascinar pelo espírito carinhoso do irmão dos infortunados e humildes, não queria morrer sem lhe demonstrar que aproveitara as lições sublimes. Não sabia explicar a simpatia infinita que o monje lhe despertara. Sabia, tão somente, que o amava com arroubos paternais. Assim, vibrando de júbilo por haver aplicado os seus ensinamentos, com dedicação e destemor, aguardava ansioso o instante de revê-lo e científicá-lo de todos os seus feitos, que, embora tardios, lhe haviam calorado extraordinariamente o coração.

De Alexandria ao mosteiro, viajou numa liteira especial, com o conforto possível. Ainda assim, chegou ao destino grandemente combalido.

O Irmão Marinho, por sua vez, estava vivendo os derradeiros dias do seu apostolado. Os olhos se lhe haviam tornado mais fundos e, no rosto pairava uma expressão dolorosa e resignada, como se tivesse absoluta certeza do proximo fim.

O reencontro de ambos foi uma cena comovedora e tocante, porque Célia também esperava ansiosa o coração paterno, crente de que, em breve, partiria ao encontro dos entes queridos que a precederam nas sombras do sepulcro. Havia meses, já, que interrompera as prédicas, porque todos os esforços físicos lhe produziam hemoptises. Todavia, os estudos evangélicos continuavam sempre. Os Irmãos do mosteiro se incumbiram de prosseguir na tarefa sagrada, e os velhos e as crianças substituíam-na nos serviços do horto, onde as arvores se cobriam de flores, novamente. Foi debalde que Epifânio, então tocado pelos atos de sacrifício e humildade

daquella alma generosa, tentou levá-la para um aposento confortavel e lavado de sól, no interior do mosteiro, afim de lhe atenuar os padecimentos. Ella preferiu a casinhola singela do horto, fazendo questão de ficar no isolamento das suas meditações e das suas preces, convicta de que o pai voltaria e desejando revelar-se-lhe, antes de morrer.

Era quasi noite fechada quando o patrício bateu-lhe á porta, atormentado por singulares padecimentos.

Recebeu-o com intenso júbilo, e, embora fraquissima, providenciou a acomodação immediata dos servos em singela dependencia distante e logo voltando ao interior, onde Helvídio a esperava aflito, dado o agravo súbito de todos os seus males.

Debalde lhe trouxe a jóven os recursos da sua medicina caseira, porque, de hora a hora o tribuno experimentava a dispnéia, cada vez mais intensa, enquanto o coração lhe pulsava em ritmo precipitoso...

A noite ia adiantada quando Helvídio Lucius fazendo a filha sentar-se junto dele, murmurou com dificuldade:

— Irmão Marinho... não cuideis mais do meu corpo... Tenho a impressão de estar vivendo os últimos instantes... Guardava o secreto desejo de morrer aquí, ouvindo as vossas preces, que me ensinaram a amar a Jesus... com mais carinho...

Célia começou a chorar amargamente, percebendo a realidade dolorosa.

— Chorais?!... sereis sempre o irmão... dos infelizes e desditosos... Não me esqueçais nas vossas orações...

E, lançando á filha um olhar inolvidavel e triste, continuava na voz reticenciosa da agonia:

— Quis voltar para dizer-vos que procurei pôr em prática as vossas lições sublimes. Sei que outrora fui um perverso, um orgulhoso... Fui pecador, Irmão, via longe da luz e... da verdade. Mas... desde que me fui daqui, tenho procurado proceder conforme me ensinaste... Dispús da maior parte dos bens em favor dos pobres e dos mais desfavorecidos da sorte... Pro-

curei proteger as famílias desventuradas do Trastevere, busquei os órfãos e as viúvas do Esquilino... Proclamei minha crença nova entre todos os amigos que me ridiculizaram... Doeí uma casa aos companheiros de fé, que se reúnem perto da Porta Appia... Busquei todos os meus inimigos e lhes pedi perdão para poder repousar o pensamento atormentado... Permanecendo muitos meses na herdade de meus filhos, ensinei o Cristianismo aos escravos, dando-lhes notícias do vosso horto, onde a terra recebe a mais elevada cooperação de amor... Então, via que todos trabalhavam como me ensinastes... Em cada moeda que oferecia aos desgraçados, eu vos via abençoando o meu gesto e a minha compreensão... Não tenho coragem de me dirigir a Jesus... Sinto-me fraco e pequenino diante da sua grandeza... Pensava assim em vós, que conheceis a dolorosa história da minha vida... Pedireis por mim ao Divino Mestre, pois as vossas orações devem ser ouvidas no céu...

Fizera uma pausa na exposição dolorosa, enquanto a jóven se mantinha em silêncio, orando com lágrimas.

Sentando-se a custo, porém, o patricio tomou-lhe a dextra e fixando na filha os olhos percucientes, continuou em voz entrecortada a revelar as suas derradeiras esperanças e desejos:

— Irmão Marinho, tudo fiz com a mesma aspiração paterna de encontrar minha filha, no plano material... Buscando os pobres e desamparados da sorte, muitas vezes julguei encontrá-la, restituída ao meu coração... Desde que me fiz adepto do Senhor, creio firmemente na outra vida... Creio que encontrarei além do sepulcro todos os afetos que me antecederam no túmulo e quisera levar á minha companheira a certeza de haver reparado os erros do passado doloroso... Minha espôsa foi sempre ponderada e generosa e eu desejava levar-lhe a notícia... de haver reparado os impulsos doutros tempos, quando não sentia Jesus no coração...

E como se desejasse mostrar o seu último desencanto, o moribundo concluía, depois de uma pausa:

— Entretanto... Irmão... o Senhor não me considerou digno dessa alegria... Esperarei, então, o seu

breve julgamento, com o mesmo remorso e com o mesmo arrependimento...

Ante aquele ato de humildade suprema e de suprema esperança no Senhor Jesus, o Irmão Marinho levantou-se e, fitando-o de olhos humidos e brilhantes exclamou:

— Vossa filha aqui está, esperando a vossa vinda!... Haveis de reconhecer que Jesus ouviu as nossas súplicas!...

Helvídio despediu um olhar penetrante, cheio de amargura e de incredulidade, enquanto pelas faces pálidas, lhe escorria copioso o suor da agonia.

— Esperai! — disse a jóven num gesto carinhoso.

E volvendo rápida ao interior, desfez-se do burél, e vestiu a velha túnica com que se ausantara do lar no momento crítico do seu doloroso destino, colocando ao peito a pérola da Phócida que o pai lhe ofertara na véspera do angustioso acontecimento. E dando aos cabelos o seu penteado antigo, penetrou no quarto ansiosamente, enquanto o moribundo verificava a sua metamorfose, assomado de espanto.

— Meu pai! meu pai!... — murmurou enlaçando-lhe o busto, com ternura, como se naquele instante conseguisse realizar todas as esperanças da sua vida.

Mas, Helvídio Lucius com a fronte empastada de álgido suor, não teve forças para externar a alegria íntima, colhido de surpresa e assombro indefiníveis. Quis abraçar-se á filha idolatrada, beijar-lhe as mãos e pedir-lhe perdão, na sua alegria suprema. Desejava ter voz para dizer do júbilo que lhe dominava o coração paterno, inquirindo-a e expondo-lhe os seus sofrimentos inenarráveis. A alegria intensa havia rompido, porém, as suas derradeiras possibilidades verbais. Apenas os olhos, percucientes e lúcidos, refletiam o estado da alma, dando conta da sua emoção indefinível. Lágrimas silenciosas começaram a lhe rolar pelas faces decarnadas, enquanto Célia o osculava, murmurando ternamente:

— Meu pai, do seu reino de misericórdia Jesus

ouviu as nossas preces! Eis-me aqui. Sou vossa filha!... Nunca deixei de vos amar!...

E como se quisesse identificar-se por todos os modos aos olhos paternos, no instante supremo, acrescentava:

— Não me reconheceis? Vêde esta túnica! É a mesma com que saí de casa no dia doloroso.. Vêdes esta pérola? É a mesma que me destes na véspera de nossas provações angustiosas e rudes... Louvado seja o Senhor que nos reúne aqui, nesta hora de dor e de verdade. Perdoai-me se fui obrigada a adotar uma indumentária diferente, afim-de enfrentar a minha nova vida! Precisei desses recursos para defender-me das tentações e furtar-me á concupiscencia dos homens inferiores!... Desde que saí do lar, tenho empregado o tempo em honrar o vosso nome... Que desejais vos diga ainda, por demonstrar minha afeição e meu amor?...

Mas, Helvídio Lucius sentia que misteriosa fôrça o arrebatava do corpo; uma sensação desconhecida lhe vibrava no íntimo, envolvia-o numa atmosfera glacial.

Ainda tentou falar, mas as cordas vocais estavam hirtas. A lingua paralisara na boca entumecida. Todavia, atestando os profundos sentimentos que lhe vibravam no coração, vertia copiosas lágrimas, envolvendo a filha adorada num olhar amoroso e indefinivel. Esboçou um gesto supremo desejando levar as mãos de Célia aos lábios, mas, foi ela quem, adivinhando-lhe a intenção, tomou-lhe as mãos inertes, frias, e osculou-as longamente. Depois, beijou-lhe a fronte, tomada de imensa ternura!...

Ajoelhando-se em seguida, rogou ao Senhor, em voz alta, recebesse o espírito generoso do pai, no seu reino de amor e de bondade infinita!...

Com lágrimas de afeto e de agradecimento ao Altíssimo, cerrou-lhe as pálpebras no derradeiro sono, observando que a fisionomia do tribuno estava, agora, nimbada de paz e serenidade.

Por instantes permaneceu genuflexa e viu que o ambiente se enchera de numerosas entidades desencarnadas, entre as quais se destacavam os perfís de sua

mãe e do avô, que ali permaneciam de semblante calmo e radiante, estendendo-lhe os braços generosos.

Figurou-se-lhe que todos os amigos do tribuno estavam presentes no instante extremo, afim-de lhe escoltar a alma regenerada, nos luminosos páramos do Cordeiro de Deus.

Aos primeiros clarões da aurora, deu as necessárias providencias, solicitando a presença dos servos do morto, que acorreram pressurosos ao chamado.

Novamente reintegrada no seu hábito de monje, Célia encaminhou-se ao mosteiro e comunicou o fato á autoridade superior, rogando providencias.

Todos, inclusive o proprio Epifânio, auxiliaram o Irmão Marinho na solução do assunto.

Os serviçais de Caio Fabricius explicaram, porém, que seus patrões, em Cápuia, estavam certos de que o viajante não poderia resistir aos precalços da viagem mais que penosa, e os haviam esclarecido sobre as personalidades a quem se deveriam dirigir em Alexandria, para que os despojos voltassem á Campânia, caso o tribuno falecesse.

E assim, de manhã bem cedo, um grupo de quatro homens, inclusive os dois servos aludidos, transportavam o cadaver de Helvídio Lucius para a cidade proxima.

Encostada á porta da sua choupana e, ante o olhar dos irmãos do mosteiro, que a acompanhavam, Célia contemplou a liteira fúnebre até que desaparecesse ao longe, entre nuvens de pó.

Quando o grupo desapareceu nas derradeiras curvas da estrada, Célia sentiu-se só e abandonada, como nunca. A revivescencia da afeição paterna, em tais circunstancias, lhe havia trazido amargurosa tristeza. Jamais a angústia do mundo se apossara tão fortemente de sua alma. Buscou o refúgio da prece e todavia, figurou-se-lhe que as mais pesadas sombras lhe haviam invadido o sêr. Não tinha desesperado o coração, nem o senso do infortunio lhe consentia queixumes e lamentações. Mas, uma saudade singular dos seus mortos bem-amados enchia-lhe, agora, o coração, de um como filtro

misterioso de indiferentismo para o mundo. Começou a fixar o pensamento em Jesus, mas, em breve, as rosas de sangue começaram a brotar da boca, num fluxo contínuo.

Alguns irmãos amigos acercaram-se, enquanto Epifânio, tocado no mais fundo do coração, mandava transferi-la para o mosteiro com a maior solicitude.

De nada valeram, porém, os recursos médicos e as supremas dedicações da extrema hora.

As hemoptises se prolongavam, assustadoramente, sem ensejarem qualquer esperança.

Na sua velhice cheia de unção e arrependimento, o superior tudo envidava para restituir a saúde ao jóven monje, cujas virtudes se impuseram como um símbolo de amor e de trabalho...

Dois dias se passaram, de angústia infinita.

Durante aquelas horas torturantes, Epifânio deu ordem para que as visitas fôsem recebidas. Pela primeira vez, as portas do convento se abriram para os populares e os velhinhos das redondezas aproximarem-se do Irmão Marinho, cheios de lágrimas sinceras.

Um a um, acercaram-se da jóven, beijando-lhe as mãos trêmulas e descarnadas.

— Irmão Marinho, — dizia um deles — tu não deverias morrer!... Se partires agora, quem ensinará o bom caminho às nossas filhas?

— E quem ensinará o Evangelho aos nossos netos? — clama um outro disfarçando as lágrimas.

Mas a jóven de olhar firme e sereno, exclamava com bondade:

— Ninguém morre, meus irmãos! Não nos prometeu Jesus a vida eterna?...

Para cada qual, tinha um olhar de ternura e a luz cariciosa de um sorriso.

Na noite imediata agravaram-se de maneira atroz os seus padecimentos.

Compreendendo que o fim se aproximava, o velho Epifânio perguntou-lhe algo, quanto aos seus últimos desejos e ela erguendo para o superior o olhar sereno, acentuou:

— Meu pai, rogo que me perdoeis se alguma vez vos ofendi por atos ou por palavras!... Oraí por mim, para que Deus tenha compaixão de minha alma... e se é permitido pedir-vos alguma coisa... desejo ver as crianças da escola, antes de morrer...

Epifânio ocultou as lágrimas levando as mãos ao rosto, e, antes do amanhecer, três irmãos saíram pelos povoados mais proximos, afim-de reunir os pequeninos, por satisfazer os últimos desejos da moribunda.

Depois do meio dia, todas as crianças da escola penetraram no quarto, respeitosas.

O Irmão Marinho, contudo, recostado nas almofadas, enviava-lhes um sorriso bom e compassivo, embora o peito lhe arfasse penosamente.

Num gesto extremo chamou-as a si, inquirindo a cada uma sôbre os estudos, o trabalho, a escola...

Os meninos, mal percebendo a hora dolorosa, sentiam-se á vontade, enquanto Célia lhes sorria.

— Irmão Marinho, dizia um pequenote de olhos graves, todos nós lá em casa, temos pedido a Deus pelas vossas melhoras!

— Obrigado, meu filho!... — dizia a moribunda, fazendo o possivel por dissimular os sofrimentos.

Em seguida, era uma pequenina interessante no seu vestidinho pobre, a balbuciar em tom discreto:

— Irmão Marinho, pai Epifânio não deixou que eu plantasse a roseira ao pé do redil e me repreendeu asperamente.

— Que tem isso, filhinha?... Pai Epifânio tem razão... o redil não é lugar das flores... Plantarás a roseira nova perto da janela. Lá ela receberá mais sol... E tu darás ao pai Epifânio a primeira flor...

— Olha, Irmão — repetia outro pequenito de cabelos despenteados — as ovelhas esta noite nos deram dois novos cordeirinhos.

— Tratarás deles, meu filho!... — dizia a jóven com dificuldade.

— Irmão — exclamava outro menino — tenho rogado a Jesus que te devolva a saúde preciosa.

— Meu filho... — dizia ainda a agonizante —

nós não devemos pedir ao Senhor isso ou aquilo, e sim a compreensão de sua vontade que é soberana e justa...

Mas, em face da inquietude infantil que a rodeava, exclamou, desejando concentrar as derradeiras energias para a prece.

— Filhinhos... cantem... para mim...

Entre as crianças deu-se ligeiro tumulto, quanto á escolha do hino a ser cantado.

Foi, então, que uma pequenita lembrou que o sol se preparava para mergulhar no horizonte, fazendo sentir aos companheiros que, nessa hora, o Irmão Marinho preferira sempre o "Hino do Entardecer", ensinado a todos com carinho fraternal.

Então, todos de mãos dadas, rodearam o leito, no qual a moribunda oferecia a Deus os seus derradeiros pensamentos, enquanto todos os irmãos da comunidade observavam chorando, á distância, a cena comovedora e dolorosa.

Mais alguns minutos e elevaram-se aos céus as notas cristalinas do cântico singelo:

Louvado sejas, Jesus!
Na aurora cheia de orvalho,
Que trás o dia, o trabalho,
Em que andamos a aprender.
Louvado sejas, Senhor!
Pela luz das horas calmas,
Que adormenta as nossas almas
No instante do entardecer...

O campo repousa em preces,
O céu formoso cintila,
E a nossa crença tranquila
Repousa no teu amor;
É a hora da tua benção
Nas luzes da natureza,
Que nos conduz á beleza
Do plano consolador.

É nesta hora divina,
Que o teu amor grande e augusto
Dá paz á mente do justo,
Alivio e confôrto á dor!
Amado Mestre abençôa
A nossa prece singela,
Faze luz sôbre a procêla
Do coração pecador!

Vem a nós! Do céu ditoso,
Ampara a nossa esperança,
Temos sêde de bonança,
De amor, de vida e de luz!
Na tarde feita de calma,
Sentimos que és nosso abrigo,
Queremos viver contigo,
Vem até nós, meu Jesus!...

Célia ouvia o hino das crianças, em seus últimos acordes. Figurou-se-lhe que a sala humilde estava povoada de artistas inimitaveis. Eram todos jóvenes graciosos e crianças risonhas, que empunhavam flautas e harpas siderais, alaúdes e timbales divinos. Desejou contemplar os meninos da sua escola humilde e falar-lhes, mais uma vez, da sua alegria infinda, mas, ao mesmo tempo, sentiu-se rodeada de seres carinhosos que, sorridentes, lhe estendiam os braços. Alí estavam seus pais, o venerando avô, Nestório, Hatéria, Lésio Munácio e a figura encantadora de Ciro, como que envolta num pepum de neve translúcida... A um gesto da amável entidade de Cnéio Lucius, Ciro avançava estendendo-lhe os braços. Era o gesto de carinho que o seu coração esperara toda a vida!... Quis falar da sua felicidade e gratidão ao Senhor dos Mundos, mas sentia-se exausta, como se chegasse de uma luta extrênea.

Guardando-lhe a fronte nas mãos, sob a música do carinho, Ciro lhe dizia de olhos humidos:

— Ouve Célia! Este é um dos sublimes cantos de amor, que te consagram na Terra!

Ela não viu que as crianças ansiosas lhe cobriam

de lágrimas as mãos imóveis e alvas, abraçando ternamente o seu cadaver de neve.. A um só tempo, todos os irmãos do mosteiro se lançaram comovidos para os seus despojos, ao passo que, no plano invisível, um grupo de entidades amigas e carinhosas conduzia numa onda de luz e perfumes, aos páramos do Infinito, aquela alma ditosa de martir.

VII

NAS ESFERAS ESPIRITUAIS

Prestando as derradeiras homenagens ao Irmão Marinho, os religiosos do mosteiro conheceram a verdade dolorosa. Só então, certificaram-se de que o caluniado irmão dos pobres e da infância desvalida era uma virgem cristã, que exemplificara, entre êles, as mais elevadas virtudes evangélicas.

Diante do fato imprevisto e passada a comoção do espanto, todos os monjes, inclusive Epifânio, se prosternavam humildes, banhados no pranto da compunção e do arrependimento.

Debalde procuraram investigar a origem e antecedentes da jóven mártir, para só conservarem da sua pessoa e dos seus feitos imorredoura lembrança, afim-de poderem, mais tarde, justificar a sua exemplificação santificante.

Cheio de amargura, o velho superior da comunidade reclamou a presença de Menênio Túllio e da filha, para que se esclarecesse a pérfida calúnia, mas, ante o cadaver da virgem cristã e, recordando a sua humildade, Brunehilda perdeu a razão, para sempre.

Nunca mais, a figura de Célia foi olvidada pelos religiosos, pelos crentes, pelos desventurados e pelos aflitos. Convertida em símbolo de amor e piedade, sua memória centralizou, nos arredores de Alexandria, os votos e rogativas das almas fervorosas e sinceras.

Mas, acompanhando nossos principais personagens